

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS DO PONTAL  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**GEOVANA FERREIRA ARAÚJO**

**RE-APRENDENDO A APRENDER:  
A IDENTIDADES QUE A ESCOLA MOLDA, IMPÕE E REPRODUZ**

**ITUIUTABA 2025**

**GEOVANA FERREIRA ARAÚJO**

**RE-APRENDENDO A APRENDER:  
A IDENTIDADES QUE A ESCOLA MOLDA, IMPÕE E REPRODUZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte das exigências do curso de graduação em Ciências Biológicas – Modalidade Licenciatura, do Instituto de Ciências e Natureza do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia.

Orientador: Prof. Dr. Welson Barbosa dos Santos

**ITUIUTABA**

**2025**

## **AGRADECIMENTOS**

Toda minha gratidão devo a Deus, que me proporcionou saúde e força para enfrentar cada obstáculo ao longo desse processo de formação, colocando em meu caminho as pessoas certas para me auxiliarem em cada momento. Gratidão pelo amor de Jesus que acalmou meu coração nos dias turbulentos e gratidão a Maria, nossa mãe, que trouxe a paz para abrandar as tempestades até aqui.

Gratidão a minha família que sempre me apoiou, de modo especial a meus pais, Rafael e Maria Madalena, e ao meu irmão Guilherme; gratidão à minha irmã Rafaela com sua família sempre disponível quando precisei e aos conselhos que meu cunhado, Alemilton, dados nos momentos complicados. Gratidão a minha afilhada, Samantha, que me alegrou e alegra nos momentos desconfortáveis e ao meu companheiro, Leandro, que me ensina dia após dia a viver a vida de uma maneira mais leve.

Agradeço ao meu professor e orientador, Welson Santos, que quando eu disse que a educação não era para mim, me mostrou que sempre há esperança e não me deixou desistir. Gratidão por ter se tornado tão importante na minha formação, me sinto lisonjeada em ter o prazer de ser uma de suas orientandas.

## RESUMO

Considerar o aprender e o ensinar, o professor e o aluno, enquanto sujeitos submetidos à construção de identidades que a escola molda, impõe, enquadra e produz é o desafio desse trabalho e que nos coloca diante do objetivo de analisar os embates vividos na educação contemporânea, de acordo com relatos de professores em formação. Tendo por referência uma escola de educação básica com público majoritariamente provindo da zona rural, nela, observou os processos de construção da identidade em si e nos outros. Assim, o presente trabalho retrata entendimentos concebidos a partir das vivências em instituições de ensino em diferentes fases de apropriação de conteúdo até o momento de repassar esses aprendizados (e aprender). Quanto à instituição, é de ensino fundamental e ensino médio, estadual, localizada no Triângulo Mineiro em um distrito com cerca de 500 habitantes. As possibilidades de utilizar a escrita sensível, aproveitando os ocorridos do dia a dia docente, como uma oportunidade para me fazer pesquisadora nessa área, foi um dos fios condutores dessa escrita. Vem de Rosa Maria Bueno Fischer e de Stuart Hall, boa sustentação para essa reflexão, dentre outros. Assim, uma das conclusões que este trabalho pôde sinalizar é que, diante de uma adolescência inventada, temos uma escola e uma escolarização alheia, quase omissa no compromisso de formar cidadãos conectados com seus cotidianos.

**Palavras-chave:** Ensino-aprendizagem. Ensino de Ciências. Adolescência. Identidade.

## ABSTRACT

Considering learning and teaching, the teacher and the student, as subjects submitted to the construction of identities that the school shapes, imposes, frames and produces is the challenge of this work and that places us before the objective of analyzing the clashes experienced in contemporary education according to reports of the experience of a teacher in training, who has been working in the field of teaching since the beginning of her academic training, being at the same time a teacher in a basic education school with an audience mostly coming from the rural area. In it, she observed since her childhood, as a student at the same institution, the processes of identity construction in herself and in others. Thus, this work portrays understandings conceived from experiences in educational institutions at different stages of content appropriation until the moment of passing on these learnings (and learning) to basic education students in the final years of elementary and high school of a state school, located in the mining triangle in a district with about 500 inhabitants. The possibilities of using sensitive writing, taking advantage of the occurrences of daily teaching life as an opportunity to become a researcher in this area, was one of the guiding threads of this writing. It draws from Rosa Maria Bueno Fischer and Stuart Hall, providing good support for this reflection, among others. Thus, one of the conclusions that this work was able to signal is that in the face of an invented adolescence, we have a school and an alien schooling, almost neglectful of the commitment to form citizens connected with their daily lives.

**Keywords:** teaching-learning; Science teaching; adolescence; education.

## SUMÁRIO

|                                                             |           |
|-------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                     | <b>6</b>  |
| <b>Pressuposto .....</b>                                    | <b>9</b>  |
| <b>Objetivos Gerais.....</b>                                | <b>9</b>  |
| <b>Objetivos Específicos .....</b>                          | <b>9</b>  |
| <b>REFERENCIAIS TEÓRICOS DE FUNDAMENTAÇÃO CENTRAL .....</b> | <b>9</b>  |
| <b>CAPÍTULO I.....</b>                                      | <b>10</b> |
| <b>CAPÍTULO II .....</b>                                    | <b>14</b> |
| <b>CAPÍTULO III.....</b>                                    | <b>20</b> |
| <b>CAPÍTULO IV .....</b>                                    | <b>28</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                            | <b>32</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                    | <b>35</b> |

## INTRODUÇÃO

Aos doze anos, iniciei meus estudos na instituição que hoje leciono, localizada no interior de Minas Gerais, no Triângulo Mineiro, em um distrito de aproximadamente 500 habitantes. Aos 17 mudei de instituição e finalizei o ensino médio. Aos 19, ingressei na universidade federal, cursando licenciatura em ciências biológicas. Hoje, estou a aproximadamente um ano de concluir a graduação, tenho 24 anos e leciono na instituição de educação básica do município onde resido há 5 anos. Sou professora há mais de 3 anos e já atendi, e atualmente atendo, disciplinas que não condizem com a formação acadêmica que estou finalizando, além daquela em que vou me formar.

A princípio, uma professora sem formação completa para ensino de ciências já atuando é estranho. Lecionando em áreas de linguagens e ciências humanas, é um pouco mais (experiência vivida em 2024). Porém, muito mais assombroso que a falta de profissionais interessados na área da educação e o preenchimento dessas lacunas com profissionais ainda em formação, é a forma alguns dos professores já formados lidam com os alunos. E, além disso, parte dos profissionais já formados, deixa aqueles em formação “de lado”, não considerando suas construções e diminuindo o valor de seus trabalhos.

Observando esse movimento de voltar a instituição escolar onde antes fui aluna, agora sendo professora, entendo que estar na escola nessas duas posições altera drasticamente a perspectiva em relação às instituições de ensino, quando observada aos olhos de uma menina estudante e agora de uma jovem mulher professora. O mais intrigante se dá ao observar os alunos e a forma que aceitam, sem questionamentos, o que os professores impõem a eles. Não perguntam a serventia de fazer a cópia manuscrita de um texto em seu caderno, sendo que o próprio professor poderia somente fazer a leitura e discutir sobre ela. Porém, quando analisamos tais problematizações e as exigências que os órgãos públicos mantêm sobre os jovens, na intenção de manter a ordem, vemos que a falta de um questionamento por parte desses adolescentes é o que deve realmente acontecer. Com isso, podemos analisar também a extrema responsabilidade do docente com seus discentes quanto ao que ensina e como o estudante irá aplicar aquela informação de maneira útil em sua vida.

Assim, a vivência como professora pôde me levar a inúmeros vislumbres de realidades distintas, mesmo que em um ambiente outrora habitado por mim no lugar de aluna, tenha passado por realidades tão semelhantes àquelas que nossos estudantes vivem agora. Mudando de lugar, experimentei uma nova face desses acontecimentos, a face vista pelo olhar docente. Um livro didático em que o professor ditava a página e o que deveria ser feito, agora se torna um instrumento de trabalho; determinar se os alunos podem ou não ir ao banheiro, onde devem se sentar durante as aulas, quais

atividades serão utilizadas para que adquiram e desenvolvam habilidades específicas, se é adequado ou não que realizem suas atividades em grupos, aceitar atrasos ou relevar o tempo que passou do prazo estabelecido, dentre tantas outras coisas que o professor determina.

Nessa linha de pensamento, considerar a transposição didática se mostra importante quando é observada essa relação entre alunos e informações recebidas, já que isso molda sua maneira de olhar e viver como cidadão. Daí o desafio na atenção do que e como se prepara o material para se ensinar. Assim, uma questão importante, que fica perceptível no educar no cotidiano da sala de aula, é o tempo de atualização dos conteúdos a serem ensinados o que mostra como pode ser possível alienar pessoas por meio da própria educação, já que se o que é ensinado na escola difere da realidade, há prejuízos na adequação do que está sendo absorvido.

O atual cenário educacional do Ensino de Ciências, em sua facilidade, em que a maioria dos educadores ainda se deparam com inúmeros bloqueios, entraves e limitações no ato de compartilhar ações programáticas com outros educadores da mesma, ou de outras áreas do conhecimento, requer pesquisas reflexivas e voltadas às questões que tenham como fundamento sintetizar e integrar as mais variadas vertentes do conhecimento, esquematizando-as por exemplo, intermediadas por situações contemporâneas. A vivência na universidade, em processo de formação, me faz esse desafio e me deixa claro como isso persiste sendo problema crônico na escola.

Para tanto, as ciências naturais são elementos fundamentais do conteúdo curricular que participam na formação científica dos alunos, tendo por eixo o entendimento dos acontecimentos do meio natural que vivemos, e a começar desse processo, acarreta a promoção de competências como, por exemplo, a elaboração de hipóteses, o questionamento, a análise de dados e a resolução de problemas. Sustentados em André, (2001), podemos afirmar que nesse processo contínuo de identificar acontecimentos, selecionar conteúdos e transformar as aulas em uma utilidade para a vida, podemos definir a profissão de educador como intermitente, pois não ocorre somente em seus momentos de sala de aula, já que para lecionar, é preciso planejar, além é claro, de dedicar tempo à família; pode-se considerar que, por vezes, com tal responsabilidade, não há tempo e espaço para que o professor inclua a pesquisa em sua prática, no como ela é legitimada. Entre outros fatores,

Querer que o professor se torne um profissional investigador de sua prática exige que se pense nas exigências mínimas para sua efetivação, ou seja: é preciso que haja uma disposição pessoal do professor para investigar, um desejo de questionar; é preciso que ele tenha formação adequada para formular problemas, selecionar métodos e instrumentos de observação e de análise; que atue em um ambiente institucional favorável à constituição de grupos de estudo; que tenha oportunidade de receber assessoria técnico pedagógica; que tenha tempo e disponha de espaço para fazer pesquisa; que tenha possibilidade de acesso a materiais, fontes de consulta e bibliografia especializada. (André, 2001, p. 60).

Assim, segundo Marli André (2001), muito além de fazer pesquisa, o professor precisa de

meios para que isso se efetive; desde sua graduação esse desejo pode ser alimentado nas disciplinas e atividades do curso, sendo incluídas atividades que aproximem os docentes em formação da realidade escolar. Também,

Há ainda a possibilidade de os docentes do curso de formação inserirem seus próprios temas projetos de pesquisa nos programas das disciplinas dando a seus alunos, futuros professores, oportunidade de discutir os resultados de suas pesquisas, os dados analisados, a metodologia utilizada para que, a partir daí, possam propor e gerar temas e problemas. (André, 2001, p. 61).

Os profissionais da área da educação possuem um papel importante na “formação da pessoa, do cidadão e do trabalhador, através da transmissão do conhecimento, das competências, das capacidades, das atitudes, dos hábitos e dos valores que devem constituir o tecido de fundo dos programas de educação” (Develay, 1992, p. 17), pois, além de passarem conhecimentos são a ponte por onde esse conhecimento chega ao aluno. Isso quer dizer que, embora tais profissionais tendem não permitir que sua opinião influencie nas opiniões de seus alunos, sua presença acaba por ser uma modulação da realidade distinta da que qualquer outra presença ali ocasionaria.

Tal como o professor vive várias turmas diferentes sendo um só professor, o conhecimento é construído por cada estudante de maneira singular, embora um mesmo professor auxilie diversos estudantes ao mesmo tempo nesse processo. Nessa construção, é possível pensar no ensinar de maneira sensível, reconhecendo o estudante como um ser humano e se reconhecendo professor, humano, responsável por direcionar jovens muitas vezes perdidos na fase dita adolescência, em que surgem os embates no âmbito identitário e as divisões por conta das diferenças que estão presentes em todo e qualquer ambiente onde aja um grupo de pessoas reunidas tal como é na escola.

Esse é o desafio de se fazer pesquisador em educação, sendo dela, vivendo-a, conhecendo-a por dentro e por fora, adentrando suas vísceras, vendo suas cores e seus porões, admitindo suas fragilidades e suas potências. E, para isso, é útil se desapropriar de ideais estabelecidos acerca da pesquisa perfeita e do método que dará os melhores resultados, pois cada objeto de pesquisa é distinto, sendo assim, os meios e o produto também serão.

Todo e qualquer acontecimento pode ser utilizado para fazer pesquisa para aquele profissional que deseja ser pesquisador. Temos diariamente em nossas salas de aulas, material suficiente para tecer escritos com emoção, dores, alegrias e, com isso, oportunidade de, enquanto deixa a escrita fluir, enxergar os acontecimentos com outros olhos, ver o que e quando ocorreu experimentando outros sentimentos para tal acontecimento. É o se estressar em um dia com a irritação de um jovem e ao refletir e analisar isso como um material para pesquisa, compreender a necessidade de estender a mão, ou mesmo o olhar para esse ser e possivelmente auxiliá-lo em sua dificuldade, compreender o trabalho de se distanciar do objeto e buscar uma solução para o problema.

Dessa maneira, o pouco tempo que temos disponível para novas possibilidades de uso dos acontecimentos pode ser bem aproveitado, desde que possamos enxergar os desafios como uma possibilidade de fazer nossa profissão ser vista como ela é: repleta de entraves, dores, desamparos; e o profissional que a vive também: empenhado, esforçando-se por atingir objetivos utópicos com o material que lhe é oferecido.

### **Pressuposto**

A formação de professores quando reflexiva, pode envolver o graduando em um movimento e processo que propicia reflexão sobre a experiência adquirida enquanto aluno em formação escolar e de graduação.

### **Objetivo geral**

Promover uma reflexão de como a formação e a prática docente contribuem na formação de uma identidade docente mais consciente de seu amplo desafio e seus embates.

### **Objetivos Específicos**

- Considerar os embates em sala de aula, como processo importante na formação [identitária] de uma professora.
- Perceber o processo de formação que a sala de aula pode ser entendida como espaço de aprendizado ao professor.
- Refletir sobre os desafios da sala de aula e a viabilidade na resolução de problemas diante de seu público.
- Construir saberes sobre adolescência, enquanto uma construção histórica e não fase de vida.

### **Referenciais teóricos de fundamentação central**

A fundamentação teórica deste estudo está embasada em seis referenciais teóricos: educação e pesquisa sensível (Fischer, 2021), vulnerabilidades (Santos, 2018), identidade (Hall, 2006; Silva, 2012), subjetividade e poder (Hall, 2006 ), adolescência (Cezar, 1998).

## CAPÍTULO I

### **Metodologia e para além dela: O desafio de uma escrita sensível em pesquisa na educação**

Este é um trabalho que, dentre outros, traz um pouco das experiências de uma graduanda de licenciatura em uma Instituição de Ensino Superior Federal que ao mesmo tempo foi e é professora de Ensino Fundamental e Médio em uma escola básica. Por ser assim, esse traço já delimita o trabalho às pesquisas em ciências humanas e cuja valorização das subjetividades ficam centrais. Nesse mesmo sentido, definimos que estamos diante de um trabalho acadêmico no campo qualitativo da pesquisa.

Isso porque foi o conjunto de experiências vivenciadas pela autora em experiências com seus colegas de graduação e alunos, que subsidia essa escrita e tessitura. Uma reflexão feita e sustentada a partir de um olhar sensível ao estudante adolescente que a acompanha durante todo o processo de formação, ao mesmo tempo em que cursava uma licenciatura na área da biologia, a docência escolar na prática por todo esse percurso trouxe um olhar e percepção do processo de lugares e leituras bem diferenciadas de um graduando distante diariamente desse contexto. Daí o desafio de uma escrita sensível bem debatida no nosso tempo.

Ademais, os escritos de Fischer (2021) nos trazem uma interessante reflexão em relação à maneira que descrevemos e relatamos os acontecimentos na área da educação e induz ficarmos atentos no quanto damos, trazemos de nós ou não nesses escritos. A autora nos chama a usarmos a visão poética na pesquisa. Portanto, da mesma forma como os docentes se perguntam como é possível viver a educação com leveza e amor em meio a tantos desafios, também surgem indagações sobre “como valorizar a experimentação, as anotações do trabalho em curso, o registro dos lampejos de vida, sem perder o rigor do debate teórico, nem o olhar atento sobre urgências, éticas e políticas do presente” (Fischer, 2021, p.1).

A autora nos indica que, ao fazer pesquisa, devemos usar o material para tecer a obra, trabalhar deixando-se entrar em contato com a matéria-prima, aproximando-se dela, observando suas linhas e o que dela pode vir a ser constituído. Seria esse o movimento de ser um professor pesquisador, tão citado em âmbito acadêmico, o dialogar, o raciocinar, o indagar e o elaborar. Ler e perceber sentidos, razões, discursos, como Foucault (2007) salienta. Se, com facilidade, nos deparamos com discussões técnicas e teóricas, são nessas leituras que precisamos conduzir esses saberes a um lugar e utilidade para além das palavras. Isso porque,

No cotidiano de ler e avaliar artigos, projetos, teses e dissertações, na área de educação, em especial, raras são as ocasiões em que somos surpreendidos por um relato que produza no leitor

a empatia, a vibração, a inquietação – enfim, raros são os casos de pesquisas que se mostram como vitalidade, como carne viva, espinhos em nossa carne (Fischer, 2021, p.3)

A partir dessa afirmação, surge um questionamento que possui resposta objetiva: qual motivo para esses eventos serem raros? Pois, raros são os profissionais na área da educação que atuam no ensino básico que possuem tempo para realizar tal movimento de olhar para si e para o outro de maneira acolhedora e empática. Não por não terem interesse, mas porque não foram preparados para isso. Poucos são os momentos de formação continuada destinados a desenvolver esse tipo de olhar. Nesse campo de inquietação, Fischer (2021) traz uma indagação no sentido de a pesquisa em educação ser, efetivamente, realizada de maneira agradável. Ela questiona se “a narração e a conversação precisariam ser recuperadas, para além das práticas vigentes em nosso tempo, em que não nos envergonhamos de falar (cansativamente) de nós mesmos, presos a uma mesmice narcísica, nas redes sociais?”, como a autora nos chama a pensar (p. 3).

Embora para tal questionamento surjam diversas respostas, a que nos interessa está relacionada aos pesquisadores professores e aos jovens que podem vir a ser objeto de pesquisa. Arrazoemos que tais espaços e sujeitos se tornaram, em nossa sociedade globalizada, algo sem valor. O simples saber, o que acontece em outra nação serve e oferece modelo de padronização, dispensando o olhar sensível para a subjetividade dos sujeitos, dos processos, dos locais da escola como espaço cheio de subjetividades, conforme discorrem Santos *et al* (2018). Tal movimento torna cada vez mais difícil olhar para quem está ao lado e entender o que está se passando, o reconhecer as subjetividades.

Ao fazermos esse movimento de deixar a realidade acontecer e se desprender dos ideais de como relatar os acontecimentos de forma metódica e travada, podemos passar a enxergar o mundo “tal qual uma criança, há que nos assombrarmos com o que nos sucede, nas coisas mínimas do cotidiano e, simultaneamente, com aquilo que irrompe num poema, numa música, num diálogo dramático, na composição de uma imagem, numa sequência cinematográfica.” (Fischer, 2021, p.9).

Pode ser esse o começo do caminho para chegarmos a uma pesquisa que lide com cada detalhe sem esforços, usando da clareza que a vivência dos momentos proporciona, ao serem observados em sua totalidade, vividos, e cada nuance em seu movimento real; analisar enquanto se vive cada questionamento, embate, dor, alegrias, sustentado na proposta de escrita sensível da autora. Observando o estudante com sua bagagem de vida, dar sua contribuição nas aulas, por vezes de forma não verbalizada ou ativa, aprendendo com aquele que ensina e ensinando todos ao seu redor com suas experiências de vida. Nesse caminho e processo, quando o professor passa a enxergar cada aula como uma oportunidade, entendemos os questionamentos que Fischer (2021) nos traz. Seria,

Como vestir os trajes do poeta, que trabalha com imagens condensadas e condensadoras, por vezes quase opacas, mas que, por força da arte da composição inusitada das palavras, acaba

por iluminar justamente as dores (ou até a riqueza) de certo momento histórico e político? Por certo, não reivindicamos o lugar do poeta, do pintor ou do cineasta; não pretendemos, é claro, confundir modos tão diversos de criação. A ideia é colocar-nos na escuta de artistas, e com eles aprender sobre seus modos de elaboração de imagens, versos, personagens literários e dramáticos, cenas de filmes, narrativas ficcionais. (Fischer, 2021, p.11)

A autora sugere que pesquisadores observem os diferentes artistas em seus modos de produzir o que pode ser útil para tornar o pesquisar e o fazer pesquisa tal como o artista faz de suas ideias, arte. Isso já pode ser observado nas maneiras e momentos importantes da humanidade que são retratados, como a arte do se doar. Essa leitura como objeto da pesquisa pode fazer do resultado ímpar, tal como as obras de arte são. Nisso, é possível, a nós professores, “reportar essa realidade e, ao mesmo tempo, em meio a tal desassossego, transformar a si mesmo, exercer imenso esforço sobre si, converter o próprio olhar e fazer emergir, apesar de tudo, o plano da criação artística?” (Fischer, 2021, p. 14-15).

Sim, a partir do momento em que o pesquisador assume a realidade, os acontecimentos tornam-se importantes, como faz uma criança ao acordar e durante o decorrer do dia até dormir, descobrindo com instigante interesse o que já foi visto inúmeras vezes, se afeiçoando aquilo que é ignorado, pois, para a autora, “assumir que não temos, definitivamente, posse de nada é uma boa atitude para o pesquisador.” (Fischer, 2021, p.12). Ao arrazoar sobre a educação, ao modo tradicional de se pensar o educar e o ensinar, ao colocarmos em ação esse deslocamento do se achar dono da razão, avaliamos que se torna menos trabalhosa a busca por material para a pesquisa, bem como despertamos em nosso eu pesquisador “esse desejo de fazer de si mesmo obra de arte, deixando-se encharcar justamente das artes.” (Fischer, 2021, p.15).

Teria sido isso o ocorrido com anos de pesquisa em educação que foi feita por detrás da mesa das universidades, por pensadores que nunca conheceram a escola de perto, de dentro, cotidianamente, sido parte dela para melhor senti-la e mensurá-la? Esse é o maior desafio em fazer pesquisa em educação, diz Fischer (2021). O empreito de se conhecer no mais íntimo, compreender o que busca e não deixar como irrelevante aquilo que seja diferente; se colocar na arquibancada para observar o que se analisa e, ao mesmo tempo, como se estivéssemos participando do jogo ao qual assistimos. É o que a autora instiga ao comparar o tecer de uma pesquisa com o

Soldar com o próprio sangue as fraturas de um século, de um tempo, de uma dada formação – guardadas as devidas proporções, se considerarmos o ofício de um poeta, de um pintor, de um cineasta ou de um pesquisador em ciências humanas – não deixa de ser um convite radical, cuja força está numa ideia que é também de Foucault: a de que o trabalho do estudioso consiste, no limite, em fazer a experiência do que nós mesmos somos, neste preciso momento histórico. E fazê-lo, como queria Foucault, a partir da ideia de uma construção em abíme, para que o pensamento que se elabora permaneça aberto, incompleto. (Fischer, 2021, p.18, 19)

Assim, o resultado, mesmo com uma conclusão, segue a linha de que ainda pode ser modificado, e como pesquisador não se encontrou o fim de algo, a solução de um problema, mas dá continuidade a um pensamento, relata acontecimentos tidos como rotineiros em uma perspectiva

distinta, usando da subjetividade do pesquisador, pois “Só seremos verdadeiros se pudermos dizer, ao concluir, que se tornou possível (mesmo que minimamente) estabelecer novas relações com nosso objeto de estudo” (Fischer, 2021, p.19). Desse modo, é possível compreender que “pesquisar é, de alguma forma, fazer ficção, furtar, afastar-se de si e de seu tempo, justamente para perceber o histórico, apanhar o espírito de uma época, a nossa época, e que, por vezes, nos sufoca e nos exige imensos esforços. É raciocinar poeticamente” (Fischer, 2021, p.19).

Portanto, o desafio é não só se afastar de si, mas se envolver no outro. Para Andre (2023), é importante imaginar uma cena para relatar um ocorrido, ouvir de alguém um acontecimento e torná-lo uma história compreensível ao ser lida, sentida ao ser absorvida, e isso só é possível se nós, pesquisadores, compreendermos e absorvermos o que pesquisamos, se conseguirmos “uma lucidez que nos distancia, por momentos, de nós mesmos” (Fischer, 2021, p.19). Portanto, vemos que fazer pesquisa em educação é o mesmo que viver de maneira observadora (Santos, 2016), sendo assim, possível a todo educador que desejar fazer pesquisa se envolver nessa arte e desenvolver pensamentos, visto que

Cada arte, cada linguagem, cada modo de criação nos ensina a força de um presente que jamais se reduz ao trivial: antes, veste-se de uma ética de obrigações a que somos chamados, para com o outro, para conosco mesmos. Disso é feita toda e qualquer criação. Também nossas invenções acadêmicas. Uma criança que pede à professora mais tempo é certamente um grito de alerta. Mas é também matéria de poesia e pensamento. (Fischer, 2021, p.19)

Dito isso, quando pensamos em metodologias de pesquisa, pesquisadores em educação, como afirma Andre (2023), têm sido chamados ao lugar necessário de se sentir surpreendidos por relatos ou escritas que produzam nos leitores, a empatia, a afinidade, a identidade e vibração, somada a uma boa inquietação (Fischer, 2021). A pesquisadora afirma que são raras as escritas de pesquisa, na atualidade, que tem se desafiado a mostrar com vitalidade e sentimentos, assim como desnudar os espinhos do processo do educar. Logo, formar para a educação e tornar isso uma ferramenta poderosa para a formação de novos professores é um desafio diário da tríade Ensino, Pesquisa e Extensão, como Fischer (2001) diz, e que tem nos inspirados nesse caminho, nesse novo pensar pesquisa.

Outro exemplo deste caminho para se fazer pesquisa acadêmica dado por Fischer (2021) é o que a autora chama de a inspiração maior. Ela sintetiza tudo isso nos chamando a observar o belo como objeto da experiência, as coisas insuficientes dignas de serem chamadas de acontecimentos. A autora propõe que a pesquisa acadêmica em educação nas universidades e na escola, coloquem o método de investigação e escrita em ação/operação, na escuta e leitura sensível, para melhor se aprender os modos de criação, visto que,

Tal método operaria por fragmentos e intensidades, sem abandonar o horizonte de algo mais amplo – o que significaria construir provisórias totalidades, marcadas às vezes por mínimos

acontecimentos, nem sempre claramente visíveis. Um método ao qual interessam bem mais os acontecimentos excepcionais, raros, desviantes, e não os grandes fatos que, a rigor, se mostram visivelmente assemelhados a tantos outros. (Fischer, 2021, p. 11)

Nessa esteira, desse despertar para um perceber as narrativas com sensibilidade, a proposta aqui foi de ter a Análise do Discurso (Foucault, 2011) em uma perspectiva foucaultiana como referência, a fim de explicitar aspectos importantes a formação de professores de ciências, a partir de suas vivências e experiências na escola, nos caminhos que têm sido traçados, desde a entrada desses na universidade, a partir das narrativas discursivas que esse percurso permitiu construir. A exemplo de Fischer (2001), fazer uma aproximação ética e estética dessas narrativas, pois o aproximar do ser humano colocando-o em primeiro plano para acompanhar e compreender as motivações é algo singular para a educação. Que se busque, conforme André (2023) permite reforçar, um caminho mais humanizado e menos tecnicista, marca da formação acadêmica das ciências nas universidades de nosso tempo.

## **CAPÍTULO II**

### **Sala de aula, escola, adolescência: contextos e considerações**

Ao conduzir essa escrita para uma reflexão específica, visando à/ao adolescente na escola, quando avaliamos ou consideramos o Ensino Médio, seu público e o desafio que esse contexto traz, tal movimento pode gerar boas considerações, apostamos, o que começamos a articular e descrever aqui. Falamos de jovens vivenciando momentos percebidos com intensidade e que os hormônios da puberdade provocam (Herculano-Houzel, 2005).

Trata-se de indivíduos de uma geração, instigados a ganharem o mundo, a não perderem sua identidade constituída de forma imaginada nas redes sociais (Hall, 2005), trazidos a nós professores, com o propósito de que sejam ensinados, que consigamos alcançá-los (Santos *et al.*, 2018). Mas, e o que eles têm para nos ensinar é considerado ou validado? Seria a sensibilidade desafiada a nós e descrita por Fischer (2021) importante para essa percepção, atuação, profissionalização, no trato com esse adolescente? Falamos de uma geração que vive no digital, em que muitos são os comentários que rodam nesse meio e poucas são as conversas reais onde se é ouvido.

Por esse motivo, “Colocar em primeiro plano o que está tão perto de nós; estranhar o comum, que se torna por vezes até invisível, de tão dado que é – eis um bom objetivo para o pesquisador” (Fischer, 2021, p.12), um bom caminho em seu fazer pesquisa. Tão perto está nossa profissão que por vezes, nós, professores, nos esquecemos de que podemos fazer pesquisa nela e sobre ela, usando nossos próprios relatos como material para construir ideias, tecer escritos, analisar desafios, buscar soluções, deixar o que aconteceu e produzir sonhos escritos a partir da realidade vivida, transformando-a em uma realidade idealizada, uma obra de arte, como a autora afirma.

Isso porque a experiência e o convívio com eles nos mostram que podem e nos ensinam a lidar com cada uma de suas especificidades, seu modo de ser e perceber o mundo ao seu redor, algo que para o professor é de extrema importância no ensino-aprendizagem e, provavelmente, o maior ensinamento que nos trazem e passam. Sim, isso nos estimula e desafia a um escutar sensível também. Porém, a dúvida é como trabalhar a individualidade de cada jovem, de cada colega de serviço em um ambiente coletivo, de que forma olhar para as pessoas e acontecimentos que podem se tornar nosso objeto de pesquisa, porque se observamos e nos propusermos a pensar as razões, estamos indo para além do senso comum? Eis aí o que Fisher (2021) reforça: o trabalhar como se fôssemos artesãos.

O desafio está, orientado pela pesquisadora, no criar espaços, no adentrar e no sentir a riqueza dos processos criativos desde o seu cerne até a vivência prática, à medida que o estudante que cursa uma licenciatura vai se construindo pesquisador e, ao mesmo tempo, educador, como frisa Andre (2023). Há um desafio aí do se sentir vivo em cada um desses processos. Para a autora, a riqueza desses processos criativos, nas suas diversas configurações deveria ser trazida para o interior das pesquisas, acompanhando e acompanhado de escritas de vida, de memoriais sustentados em vivências. Para Fischer (2021), devemos sempre perceber as mínimas nuances, estarmos atentos e ver surgir novos

objetos de estudo, possíveis novos sentidos de pesquisa que não se mostram com facilidade, se não pela vivência com o sentido que a prática docente nos permite vivenciar. Para a autora,

Há que movimentarmos o pensamento, diante de uma série de problemas como estes: os impasses e limitações da operação de escrita do texto científico, quase sempre divorciado de vitalidade e beleza estética; a frequente oposição entre arte e pensamento, nos relatórios de pesquisa; a falta de clareza quanto às possibilidades de fazer do próprio relato um texto autoral e genuíno; a hierarquização rígida de dados, no sentido da eliminação ou do próprio esquecimento no que tange às ocorrências mínimas da pesquisa, seus desvios inesperados e, aparentemente, menos dignos de consideração; o abandono ou a negação dos fragmentos cotidianos do estudo, bem como das oscilações e novas configurações do próprio objeto e da ação do pesquisador, ao longo da viagem investigativa. (Fischer, 2021, p. 5)

Precisamos trazer para o campo das ciências humanas, da pesquisa em educação, o compromisso de um olhar sensível que contemple a vida de qualquer indivíduo como uma obra de arte (Foucault, 2014). Nesse caminho de entendimento, para Fischer (2021), poucos pesquisadores conseguem ser coerentes consigo mesmos, no sentido de enlaçar teoria e prática, vida e pensamento, trabalho em movimento, aquele instante em que não se sabe, mas não se deixa de indagar. De acordo com a pesquisadora, devemos buscar os argumentos e dados e, ao mesmo tempo, desenhar rabiscos de possibilidades. No nosso caso é adentrar ao campo do que se pode entender de adolescência, suas contradições.

Os entendimentos do que se denominou de adolescência e a construção discursiva disseminada nesse sentido têm constituído um tema instigante e de considerado valor na atualidade, inclusive bem debatido (Santos, 2016; Santos *et al.*, 2018; Cezar, 1998; Calligaris, 2000). Ainda, na perspectiva do multiculturalismo, discussões apresentam esta temática concebida a partir das identidades culturais, das diferenças e o que emerge desses debates (Hall, 2006). Nessas construções, amplia-se o diálogo para grupos sociais, educação, conflitos familiares, dentre outros, a respeito do que se pode pensar sobre adolescência. Isso nos é de interesse e nos sustenta aqui.

Assim, a busca é por contribuir para o conceito do que é adolescência e, da forma que ele está inserido, é errônea. Ela é incansavelmente debatida ou colocada como fase da vida; período complexo de insegurança; tempos em que a sexualidade se torna um perigo ou vista como perigosa; processo de amadurecimento conturbado e cheio de conflitos existenciais e de embates consigo e com o meio; marcada por depressão e agressividade (Santos, 2016). Mas afinal, adolescência seria mesmo isso ou esse é um discurso que a enquadra? O próprio autor nos responde e diz que não, que a adolescência é uma invenção do capitalismo.

Diante do questionamento, buscaremos construir conceito do que entendemos por adolescência. Consideramos que a globalização possibilitou, além de trocas materiais, a crescente

mistura de culturas e acesso a diversas realidades nos mais diferentes períodos do desenvolvimento das identidades do ser humano, não sendo diferente no que se denomina de adolescência. Entre os mais afetados pelo contato com o novo, temos esse sujeito, que é descrito em fase final da formação do físico e, normalmente, inicial da constituição de ideias de forma autônoma. Logo, é conceito que envolve não só o corpo biológico, mas também questões psicossociais, cheio de delimitações por essas três instâncias (Cezar, 1998).

Assim, concordando com a autora, delimitamos que este trabalho considera a adolescência como objeto de estudo das ciências sendo uma construção social, fruto da cultura, da sociedade em que se está inserido, com seus interesses múltiplos, tendo a medicina higienista, o controle dos corpos, a prevenção de DSTs e gravidez precoce, centrada no interesse de controlar e docilizar esse corpo, mente, atitudes, conforme Santos (2016) permite ajuizar. Nisso, arrazoemos que este é alvo e colocado como portador de um corpo que é adoecido para propiciar esse melhor e maior controle e docilização (Foucault, 2007). E, entendê-lo é importante na busca por formas de sanar problemas recorrentes do que se denominou de fase.

Então, por que a temática é importante em um debate de educação? Porque são esses os sujeitos que estão em sala de aula e que um educador precisa saber conhecer e lidar no seu dia a dia. Porque procede dele muito daquilo que se julga no nosso tempo como violência aos educadores, ao sistema, aos responsáveis, às coordenações. Na verdade, o que há é um conflito de jogo de poder que o envolve a todo tempo, sinaliza Santos (2016). Uma geração que pressionada pelas normas, regras, formas, padrões esperados, em um mundo cada vez mais competitivo, sente-se impotente e, muitas vezes, expressa, extrapola a lógica da educação e dos bons modos.

Ademais, dentro do amplo processo de construção de identidade, podemos arrazoar o que entendemos por adolescência. Esse é um desafio contemporâneo porque ela é colocada num lugar de incompletude, exigindo que se complete, feche o ciclo de formação e se torne rapidamente adulto (Cezar, 1998). Tais afirmativas podem ser vistas em variados debates de escritores como Santos (2016) e Calligaris (2000), que reconhece o quão penoso essa fase se torna para o jovem incompreendido em suas mudanças. São conjecturas que nos permitem sair do mesmo, do comum e discutido a todo tempo em diferentes instâncias, quer seja escrita, redes sociais, mídias, família, dentre outras.

Ao observar os desejos presentes nos adultos, é possível afirmar sê-lo diferente do sentido entre jovens, ou seria diferente pela intensidade de algo que se inicia e o ávido interesse de que haja controle? Ao considerar que a identidade do adulto tem íntima conexão com o vivido e experimentado na puberdade, com repercussões e reflexos no decorrer da vida adulta, como proceder? Como ser e estar na escola junto a esse público e ser indiferente? A partir desses questionamentos, seria importante

entender que no disciplinar esses corpos, o/a adolescente realizando um conjunto de atividades que o/a mantenha com a mente e corpos ocupados tem sido um investimento comum, tanto que a escola é o principal órgão onde há a ocupação desses sujeitos em tal fase.

Coadunando com Cezar (1998), sabe-se e há investimentos para que uma vez cansados terão menos energia para vivências de seus desejos. Sim, o controle do desejo desses corpos é investimento de família e da escola a todo tempo (Santos, 2016). Para Foucault (2007), isso é um aparato eficiente da medicina higienista, um mecanismo de controle que age sobre esses corpos juvenis, bem articulado pela escola, pela psicologia, pela família, pelo religioso, no adestramento e controle desses desejos, desses corpos. Cabe a formação de professores, ao educador, romper com esses vícios históricos, preparar-se para a relação amistosa, de diálogo tão bem descrita por Fischer (2021).

Nesse caminho de e pelo controle, podemos observar como a psicologia da adolescência, assumiu um discurso homogêneo em relação a esse objeto. Vem daí a definição que adolescência é um período de mudanças e instabilidade (Cesar, 1998). No entanto, essa instabilidade não está presente apenas no período denominado adolescência, visto que os corpos estão em constante modificação, seja em quesito físico, psíquico, ideológico, cultural ou identitário (Hall, 2006). O que podemos observar é que muito desse processo se dá e se estende tanto para a criança, no controle de seu corpo, quanto de jovens, segundo Foucault (2007). Busca-se uma padronização dos corpos e dos prazeres, a rigidez normativa desses corpos, principalmente no campo do gênero e da sexualidade consoante Santos (2018). Inclusive, trata-se de um modo de mensuração sem considerar identidades, subjetividades, histórias de cada um.

Em relação à identidade, no que diz respeito à forma com que cada ser humano se identifica, como um conjunto de características que distinguem uma pessoa, por meio das quais é possível individualizá-la, essa referência já nos coloca diante do tema dessa discussão: a adolescência como construção social. Essa construção ocorre pelos discursos que nos atravessam, de acordo com Foucault (2011). Nisso, é indiscutível que:

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre a sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo” sempre “sendo formada” (Hall, 2006, p. 38).

Portanto, compreendemos que a identidade cultural adolescente também é algo maleável, que pode ser alterado conforme o tempo e os costumes adquiridos, consequentemente, a identidade deste sujeito, pode ser flexível. Por ser assim, ela não é permanente, mas sofre mudanças, pois se altera conforme a cultura em que está inserida. Ademais, entende-se que os indivíduos possuem várias identidades, sendo elas: gênero, classe, etnia, nacionalidade, religião, entre outras. Partindo disso,

Santos (2013) afirma que “as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação”, nos ajudando a entender um pouco mais o que é a adolescência.

No processo de difusão de culturas, podemos dizer que é na adolescência que ocorre a busca pela identidade, incluindo a identidade sexual tornando-a central, mesmo cientes de que isso acontece desde o útero. Para melhor compreensão sobre o que é adolescência, Santos (2016) nos permite afirmar que o desenvolvimento do ser humano no contexto físico, cognitivo e psicossocial, no pensar imaturo em algumas atitudes e comportamentos, na busca pela identidade, incluindo a identidade sexual é mero processo, que não começa aí nem termina ao fim do que se denomina de adolescência ou puberdade, vai muito além ou fica a se completar.

Para além de uma demarcação de múltiplos interesses e imposta por um discurso, a adolescência, segundo o autor, é algo construído com interesses sociais de controle sobre esses corpos. Aqui, nos referimos e reforçamos o papel da medicina higienista descrita por Foucault (2007) e ressaltada por César (1998), que descreve que as atividades que trabalham o corpo do jovem na escola, como educação física e esportes, se tornam fundamentais para manter esse ser em formação, disciplinado e saudável, já que é um período em que se deve, segundo a família e os órgãos de poder, permanecer longe de qualquer vício para um bom desenvolvimento e, na escola, se espera a manutenção do bom comportamento e bons rendimentos.

Portanto, a definição de adolescência e o período que o sujeito está no ambiente escolar estão ligados, o que leva a escola ser uma instituição responsável por disciplinar e ocupar esse indivíduo, fazendo-o dócil aos comandos sociais, às expectativas da família, às demandas de mercado, aos interesses das agências sociais como de saúde e jurídica-legal.

Contudo, para ser possível a classificação de uma identidade cultural da adolescência, é necessário que um grupo de seres humanos possuam aspectos que os organize em conjuntos, ainda que sejam características diferentes, mesmo assim, as subjetividades não permitem enquadrar o sujeito. Sendo essa identidade, compreendida mediante as diferenças, que resulta em atitudes de criação linguística e social, integrando o desenvolvimento que está presente nos processos de identificação. Por ser assim, as diferenças não podem ser tidas como problemas que devem ser solucionados e acabados, olhando o diferente como errado, da mesma forma que se afirma ocorrer na adolescência.

Portanto, reforçamos o conceito de Foucault (2007) que nos chama a pensar no processo de naturalização, em que as coisas parecem ser e estar sempre como se fossem construídas por meio do discurso que nos atravessa e molda, consoante ocorre na adolescência. Falamos aqui do que é definido historicamente e não biologicamente. Assim, Bauman (2005) reforça as identidades, que não são

garantidas, podendo ser modificadas e bastante negociáveis nos espaços de embate que acontecem, em decorrência da construção do que é adolescência, e também do que é ser adolescente.

Desse modo, os estudos na área da psicanálise salientam que, na fase da infância e no período da adolescência, o indivíduo é influenciado, principalmente pelo meio, e torna-se visível que a identidade do ser tem íntima relação com aquilo que o rodeia, com os discursos que o atravessa, tal qual descreve Foucault (2011). Para tanto, os cientistas do desenvolvimento histórico-cultural, reconhecem que somos e vivemos processos que duram a vida toda, e nos momentos em que vivemos em diferentes ambientes escolares, somos moldados pela convivência com os colegas e professores, com suas crenças e ideais, sofrendo alterações e interferências a todo momento em nossa identidade.

### **CAPÍTULO III**

#### **Educação e Identidade, as relações acadêmicas e possíveis influências**

Diante do empreito de dissertar sobre educação e identidade, as relações acadêmicas e possíveis influências, podemos questionar: como isso é possível, fazer pesquisa, discutir sobre o

tema, estando em um ambiente de trabalho envolto por diversos acontecimentos, inclusive a própria docência? Diante de tal questionamento, avaliamos que são inúmeras as possibilidades de relatar as vivências, que por vezes são deixadas de lado pelo medo de serem invalidadas por não adotarem e obedecerem a linha determinada para os escritos científicos ao longo do tempo, mas que nesse momento inspira e fortalece a tecitura desse TCC. Na esfera pessoal, consideremos que um dos desafios na área das ciências da natureza é,

Como ficar entre a ciência e a arte, entre o vivido e o pensado? Como valorizar as experiências relacionadas ao tema, aos dados e aos sujeitos de nossos estudos, para além das chamadas categorias de análise, as quais muitas vezes nos aprisionam em supostas totalidades, repetindo o que previamente já sabíamos? Por que nós e nossos estudantes, diante da página em branco, tantas vezes nos sentimos temerosos de errar, de sujar a página, inseguros talvez por não cumprir normas acadêmicas e editoriais – quando exatamente esse seria o momento de não desistir, de aceitar a livre exposição de si mesmo, sem que seja necessário concluir um pensamento total? (Fischer, 2021, p.2)

Sim, fazemos essa afirmativa porque educar é arte, mas suscitam dúvidas que ficam mascaradas na vida dos docentes dessas áreas, devido à formação positivista que o marca durante todo um processo (Santos *et al.*, 2018). Diferentes vezes, pela falta de tempo e até mesmo para pensar nisso, com visão constituída e marcada por mensurações e o quantitativo, consideremos a sala de aula e a rigidez dos currículos, contribuírem para isso, como permite salientar Santos, *et al* (2018). Vamos para as salas de aula com o conteúdo programado, a aula pronta, sem conseguir colocar no material, no real, no palpável, no cotidiano, pois exige um exercício gigantesco e tempo demasiado para isso.

Estamos diante dos acontecimentos que permeiam aqueles que serão afetados pelo professor, tanto que o que ocorre fora do ambiente escolar, como o que procede na sala de aula. Um conjunto de questões que precisavam compor aulas e fica alheio ao processo de construção do saber, por falta de conectividade e tempo para esse investimento. É o comum, isso é fato, ao mesmo tempo são caminhos para se pensar educação.

Assim, ao falar de educação no Ensino Médio, instantaneamente falamos sobre a construção da adolescência no Brasil e Santos (2016) deixa isso bem evidente. Nesse sentido, ao observar as vivências de uma professora em formação, que agora leciona na escola onde estudou na juventude, analisamos as mudanças que ocorrem na visão da mesma durante os processos e na sua forma de enxergar tal fase constituída entre a passagem da fase criança para a fase adulta, enquanto aluna e, agora, profissional, auxiliada pelas narrativas de seus próprios colegas de graduação.

Dessa maneira, em uma instituição de ensino com diversos professores, alunos e demais indivíduos que compõem o núcleo escolar, pensando em uma aula de ciências/biologia, é nítido como os inúmeros fatores que compreendem uma aula e sua contextualização são elementos importantes no processo de ensino nas instituições escolares e o que a faz existir e funcionar. Aí está o desafio,

estabelecer a ponte que atravessa as barreiras entre o professor e o aluno é o primórdio do saber. Ao observar os fatores de nossa sociedade, da escola, da sala de aula e os desafios de nosso tempo, é notória a concorrência desleal a qual o professor é submetido, já que,

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas - desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem "flutuar livremente". (Hall, 2006, p. 75).

Nesse sentido, o professor está envolvido em um ambiente de amplos desafios, já que a globalização, além de introduzir facilidades, trouxe complicações resultantes do uso irracional de tecnologia. Muito mais do que os fatores visíveis que dificultam o aprendizado, a introdução no mundo virtual, quase sempre acompanhada do desenvolvimento de uma visão pessoal de insuficiência e descentramento da realidade, é uma barreira significativa para os professores ao lidar com os adolescentes. Nesse caminho, parece-nos que seu maior concorrente nesse século XXI são o uso desenfreado das mídias digitais, como citamos.

Calligaris (2000) diz que a insegurança acaba se tornando algo próprio dessa fase denominada adolescência e a comparação e a busca por aceitação são os fatores principais no desenvolvimento desse traço e dos embates na construção da própria identidade. Hodiernamente, parece-nos que a aliada mais poderosa na formação dessas identidades e construção do sujeito tem sido as mídias digitais, pois a inserção dela na dinâmica de adolescentes e crianças, que parecem ser o alvo principal e objetivo a ser atingido, alcançado, seja influenciá-los, moldá-los.

Ao tratar de identidade, observa-se uma extensa discussão acerca do que é isso e como esse termo é construído junto ao seu significado prático visto na realidade dos dias atuais ao considerar a construção da identidade do indivíduo algo diário e influenciado pelo convívio com seus semelhantes ou divergentes, gerando uma fluidez nunca vista (Hall, 2006), ou as identidades líquidas descritas por Balman (2005). Grosso modo, de acordo com o dicionário Oxford Linguagens, identidade é definido como “qualidade do que é idêntico” ou ainda, “conjunto de características que distinguem uma pessoa ou uma coisa e por meio das quais é possível individualizá-la”.

O debate acerca da definição desse termo e sua construção, ocorre constantemente na sociedade. Há quem defenda que a identidade está naquilo que é passado como tradição ou que já nasce com o sujeito. Houve, segundo o teórico e sociólogo Stuart Hall (2006), um rompimento com diversos “sujeitos” ao longo do tempo, passando desde a descoberta do indivíduo como “dono da razão” até a modernidade que entende a construção do indivíduo influenciada por seu convívio em sociedade.

Segundo o autor, em um mundo globalizado com sujeitos interconectados – o que vem sendo intensificado pelas relações facilitadas graças às redes sociais, o processo de construção da identidade é afetado por uma desconstrução nos espelhos das identidades tradicionais que davam segurança aos indivíduos. Isso ocorre devido à criação de novas identidades a partir das relações que se estabelecem entre as que já estão construídas e estabelecidas nos processos culturais e sociais, formando uma separação entre os indivíduos que consideram um desvio errôneo a formação desse algo novo e a queda do tradicional com aqueles constituídos no novo plano identitário, onde

Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (Hall, 2006, p.7)

O autor afirma que as “identidades modernas estão sendo descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentadas ocasionando mudanças em todas as relações na sociedade. É possível analisar que esses processos de mudança, tomados em conjunto, representam um processo de transformação tão fundamental e abrangente que somos compelidos a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada (Hall, 2006). Tais mudanças são possíveis devido à globalização, processo que aproxima distintas culturas, costumes e que, ao mesmo tempo, afasta realidades próximas, transformando modos de pensar, ser e viver, empurrando ideias centrais para fora dos ideais de exclusividade do indivíduo como detentor do saber individual, como era determinado o sujeito cartesiano.

Tal processo de descentralização das identidades, provoca nos educadores de outra época de formação, com outro currículo e diferentes maneiras de se pensar educação, um distanciamento, por vezes não intencional, das formas de ensinar que surgem na atualidade. Ainda, um verdadeiro choque de geração (Calligaris, 2000). Embora pareça algo silencioso e pouco notado, o que vemos nesses primeiros 25 anos de século XXI, são verdadeiras catástrofes, envolvendo esses dois sujeitos, professor e alunos. Mas, daí perguntamos: o que está ocorrendo? Santos (2016) vai nos dizer de uma geração em crise com a identidade dessa geração, em conflito com o que se espera dele e o que ele consegue alcançar, dentro do esperado e investimento feito.

O autor vai nos mostrar que há aí todo um conjunto de expectativas, riscos de suicídio, vulnerabilização emocional e que se mostra como a ponta do iceberg. A questão procede de anos e anos de relação entre pais e filhos, profissionalização, identidades de sexualidade e gênero esperada, desejada e uma possível decepção do sujeito em construção, sua identidade e seus embates nesse

processo. O que temos vivenciado é um número significativo de adolescentes tirando suas vidas (Santos, 2016). Como entender isso no campo sociológico? De onde procedem tantas questões?

Falamos de um processo de reformulação do indivíduo e sua identidade que ocorreu de maneira a acompanhar suas necessidades na sociedade, rompendo ao sujeito do iluminismo para que pudesse se identificar como individual, detentor da razão e do poder (sujeito cartesiano) centrado no "individualismo racional" (Hall, 2006, p.31), já que era o próprio sujeito que estava em uma situação assim como quem proporcionava meios para que ela ocorresse. A partir de tal lugar, devido à organização das sociedades de forma mais coletiva e pela necessidade de fazer seu papel como cidadão, o sujeito passa a ser mais social e surgem as “novas ciências sociais” (Hall, 2006, p.30), mas também o berço de um conjunto de conflitos que décadas depois viriam à tona (Santos, 2016). Nelas

A sociologia, entretanto, forneceu uma crítica do "individualismo racional" do sujeito cartesiano. Localizou o indivíduo em processos de grupo e nas normas coletivas as quais, argumentava, subjaziam a qualquer contrato entre sujeitos individuais. Em consequência, desenvolveu uma explicação alternativa do modo como os indivíduos são formados subjetivamente através de sua participação em relações sociais mais amplas; e, inversamente, do modo como os processos e as estruturas são sustentados pelos papéis que os indivíduos neles desempenham. (Hall, 2006, p. 31)

Dessa maneira, inicia-se a formulação do sujeito sociológico que se molda de acordo com suas relações em sociedade, “abandonando” a identidade tradicional da observação constante apenas do passado, mas sendo agora alvo da influência dos acontecimentos do meio e da relação com os indivíduos com quem se relaciona na sociedade levando em conta o papel que exerce no meio. Isso nos dá pistas do que estamos vivendo e presenciado, de conflitos de e na adolescência. Houve deslocamentos de estimado peso.

Em se tratando de definições, a identidade tradicional e a identidade moderna são distintas em relação ao que as define, sendo a primeira influenciada pelo passado e os símbolos da tradição repetindo costumes e a segunda determinada pelo movimento “ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos” (Marx e Engels, 1973, p.70). As interconexões que ocorrem no planeta, produziram e têm produzido novas identidades ou modificam determinados aspectos dando continuidade a sistemas, alternando nomeações. Diante de tais colocações, entende-se que,

A sociedade não como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo "descentrada" ou deslocada por forças fora de si mesma. (Hall, 2006, p. 17)

Assim, o indivíduo possui diversos locais por onde observa os acontecimentos ao seu redor e de onde é atingido, podendo ser ao mesmo tempo detentor de uma identidade e de outra. Nesse caminho de raciocínio, pensar nesse século XXI, em uma geração que nasce conectada digitalmente, que vive a infância e atinge o que se chamou de adolescência, com horas diárias incontáveis, em conexão digital,

fica compreensível perceber o que tem ocorrido com essa geração e de onde procedem suas identidades voláteis, conforme descrito pelo autor.

Ele aponta descentramentos importantes que modificam a ideia de um sujeito detentor da razão que o desloca de seu centro, como os pensamentos de Marx que desmistificam a centralização do sujeito individual, a teoria do inconsciente na qual Freud aponta a formação do indivíduo mediada por processos lógicos e de divisão em que se entende que identidade não é algo finalizado, mas encontra meios de se modificar a todo tempo (Hall, 2006).

É possível observar que além das relações propriamente intencionais que o sujeito vive, há também o que ele não controla, interações que determinam em seu campo não palpável e que induzem a formação da identidade, como as fortes influências vindas das mídias digitais no nosso tempo. Isso desmistifica a ideia de que já nasce concluído e que não pode sofrer alterações (Cezar, 1998). Um estudante, no ambiente escolar se torna “líder” de um grupo de jovens ou alvo de piadas enquanto em seu lar é idolatrado pelos responsáveis legais; é considerado mal aluno por ter notas abaixo da média enquanto no ambiente externo apresenta boa desenvoltura em todas as atividades que realiza.

Pensar adolescência um pouco para “além da bolha”, somando todo o contexto que o compõe, o biológico, o físico e o social, é o que permite um melhor entendimento dela (Herculano-Houzel, 2005; Calligaris, 2000). Assim, no retomar Hall (2005) e a volatilidade das identidades, que aqui tomamos como referência para entender o que e como se pode desenhar melhor a adolescência de nosso tempo, o autor descreve dois descentramentos do sujeito na modernidade, sendo um deles pelos escritos de Michel Foucault que traz o debate acerca da docilização dos sujeitos e sua consequente individualização pelos meios de controle para que haja a disciplina desejada pelos órgãos detentores do poder na sociedade.

Este é um entendimento indispensável a quem busca perceber o que anda ocorrendo com nossas gerações de crianças, adolescentes e jovens. Ele sinaliza o descentramento, tratado pelo autor como resultado das ações feministas e que tem por resultado a identificação dos distintos gêneros sexuais em uma mesma identidade humana. Com base nos estudos de masculinidade de Connell (1995), torna-se evidente a intrínseca relação entre as dualidades de gênero e sexualidade, especialmente no que concerne à masculinidade, sua toxicidade e as manifestações do patriarcado, com os desafios que enfrentamos na contemporaneidade. Para além disso, temos a força que os estudos feministas tiveram nessa estruturação de se pensar as masculinidades. Tais aprofundamentos nos permitem perceber o compasso da história e como todo esse desfecho chegou até nós.

Historicamente, Hall (2005) vai nos falar dos descentramentos e ruptura do sujeito do iluminismo. Ele apresentou as “mudanças conceituais através das quais, de acordo com alguns teóricos, o “sujeito” do Iluminismo, visto sendo possuidor de uma identidade fixa e estável, foi descentrado,

resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno” (Hall, 2006, p.46). O que resulta no sujeito moderno com identidade incompleta em constante modificação diante do mundo globalizado.

Tal evento que atinge todos os parâmetros do globo terrestre aproximando culturas distintas e que assegura o sujeito em sua “nação-lar” onde se identifica membro por ali existir enquanto indivíduo, estando dentro das barreiras que delimitam o país de onde é nativo. Nesse bojo, o fácil acesso às mídias digitais tornou-se ferramenta de alcance da massa, o mundo que se conhece, se visita, se intercrusa e troca valores, conceitos, subjetividades nas redes, fazendo parte dessa nova dinâmica das construções identitárias (Farias; Monteiro, 2025).

Nesse sentido, a globalização, processo que ocorre cada vez mais rápido, impacta as identidades nacionais por meio de característica determinada como a “compressão espaço-tempo, a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância” (Hall, 2006, p.69). Diante de tal observação é possível analisar como a determinação de identidade se torna um processo complexo, visto a velocidade com que são trocadas e repassadas informações.

Farias e Monteiro (2025) ponderam que, referente ao impacto das mídias, a rapidez que uma realidade pode ser modificada pelos atravessamentos de outra distante e modulada por representações distintas de um mesmo acontecimento, isso assusta. As alterações constantes que isso provoca são inúmeras, sendo que “a moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas” (Hall, 2006, p.71).

Já que o espaço é nossa “segurança” e o tempo determina a intensidade de relações que podem ocorrer, com o avanço das tecnologias, as interações entre diferentes identidades culturais, suas construções e descentramentos ocorrem de maneira mais veloz e com maior facilidade, pois não há necessidade de que uma cultura esteja presente no espaço físico de outra para modulada, bastando a tela de uma televisão ou celular para que assim ocorra (Farias; Monteiro, 2025). Diante de uma dinâmica diferenciada, principalmente nesses anos de século XXI, é possível observar que

As pessoas que moram em aldeias pequenas, aparentemente remotas, em países pobres, do "Terceiro Mundo", podem receber, na privacidade de suas casas, as mensagens e imagens das culturas ricas, consumistas, do Ocidente, fornecidas através de aparelhos de TV ou de rádios portáteis, que as prendem à "aldeia global" das novas redes de comunicação. Jeans e abrigos - o "uniforme" do jovem na cultura juvenil ocidental- são tão onipresentes no sudeste da Ásia quanto na Europa ou nos Estados Unidos, não só devido ao crescimento da mercantilização em escala mundial da imagem do jovem consumidor, mas porque, com frequência, esses itens estão sendo realmente produzidos em Taiwan ou em Hong Kong ou na Coreia do Sul, para as lojas finas de Nova York, Los Angeles, Londres ou Roma. É difícil pensar na "comida indiana"

corno algo característico das tradições étnicas do subcontinente asiático quando há um restaurante indiano no centro de cada cidade da Grã-Bretanha. (Hall, 2006, p.75)

Não há então, uma delimitação dos espaços onde uma cultura está, podendo estar presente em diversos ambientes ao mesmo tempo, o que formula as identidades pós-modernas que além de serem influenciadas por outras culturas, já as tem próximas e constantes de forma a serem modificadas em curtos períodos, permite salientar Farias e Monteiro (2025). As identidades feitas e desfeitas por tradições que se adequam ao ambiente ao qual estão sendo inseridas, recebem essa contribuição extra no nosso tempo, desse intercâmbio midiático. Desse modo, torna-se desproporcional tratar algo como pertencente a um lugar sendo que tal elemento está disperso em todo o globo, sendo usado por diferentes identidades em suas distintas nações, afirma Hall (2005).

O individual passa para o coletivo em instantes e vice-versa. Isso ocasiona a pluralidade no singular, descentrando a identificação com o próximo para se identificar com o coletivo global. O autor questiona a homogeneização das identidades nacionais e aponta essa homogeneização cultural como “o grito angustiado daqueles/ as que estão convencidos/as de que a globalização ameaça solapar as identidades e a "unidade" das culturas nacionais,” (Hall, 2006, p.77) considerando que seja “mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identificações "globais" e novas identificações ""locais"" (Hall, 2006, p.78).

Diante de toda essa dinâmica de identidades, de construções delas, de mutações e influências, chegando à escola em uma geração que encontra professores cujas identidades são bem mais fixas que as de seus alunos. Não são gerações de professores que se mantiveram ilesos ao mundo ao seu redor e tudo que se alavancou nesses anos últimos, mas é um sujeito bem mais fixo que seus alunos, promovendo um verdadeiro choque de gerações, alimentando conflitos e embates de geração que não se comunicam com fluidez.

Portanto, para além da escola, os processos de construção e desconstrução da identidade no âmbito global são constantemente transpassados pela mesclagem de diferentes culturas e costumes de um local com as vivências de outro. Torna-se então, um processo multifacetado, dependendo como a própria definição da identidade do sujeito, do local onde se encontra e dos atravessamentos que acontecem. Nesse sentido, podem diferentes identidades se encontrar e transformarem-se mutuamente por meio de processos diretos ou indiretos de partilha, é possível que percebam na alteridade uma ameaça às suas tradições e, conseqüentemente, estabeleçam relações de antagonismo. Sob essa perspectiva, é provável que os alunos se tornem verdadeiros guias, conduzindo os professores a uma visão mais ampla, multifacetada e tecnológica da contemporaneidade. Os papéis, nesse cenário, parecem inverter-se: os alunos ensinam e os professores aprendem.

## CAPÍTULO IV

Iniciamos este tópico meditando sobre as descobertas, construções e desconstruções da juventude, por vezes conturbadas, e sobre os professores que frequentemente se encontram, mesmo que não seja sua atribuição principal, responsáveis por lidar com as transformações, dificuldades, emoções e crises dos jovens no ambiente escolar. Essa responsabilidade se intensifica para os professores de Biologia, especialmente durante as aulas em que abordam temas de grande interesse para os jovens e que, muitas vezes, são pouco discutidos em seus lares, como identidades, sexualidades, desejos, corpo, prazer, gravidez e muitos outros.

No nosso tempo, muito mais que ser professor que ensina conteúdos, diante de um público infantil e adolescente, ávidos por perceberem o mundo com uma lente mais nítida, temos um papel crucial na formação de cidadãos, da parte psicossocial desses jovens que atendemos como alunos. Lidamos com pessoas de diferentes realidades familiares, que passaram ou ainda vivem diversos abusos e, muito longe disso estar associado a somente esse período da vida, mas entendendo que deixa marcas por todo o caminho que irá percorrer. Sabemos que

a Pedagogia e a Educação moderna se desenvolveram, em grande parte, sob a égide da Psicologia. Foi essa que forneceu àqueles que planejaram e desenvolveram os sistemas escolares de massa deste século o instrumento de justificação científica e de gerenciamento do comportamento humano exigido por seus propósitos de regulação e controle (...) uma conexão

entre um projeto de contenção e de governo de massas e um projeto psicológico de transformação na produção do “indivíduo”. (Silva, 1993, p. 4)

Esse controle é a maneira de docilização de corpos, na qual os professores são os agentes responsáveis por aplicar os métodos, a escola é a instituição sanitária, que limpa as ruas das cidades, sem deixar nenhum jovem à mercê das ocorrências ilegais. Os jovens são regulados e, por fim, os pais são os visitantes (de forma inversa) que só veem seus filhos um breve momento do dia. Por estar cada vez menos em contato com suas famílias, os jovens acabam por se sentirem invisíveis em seus lares além dos embates identitários que se iniciam pela convivência e permanência durante os dias em dois lugares distintos, escola e o lar, ambientes que parecem querer tirar sua “liberdade”.

A realidade da adolescência está muito ligada à maneira que os indivíduos são vistos, ou se não são vistos. Entendendo que o papel do professor em sala de aula, principalmente do professor de ciências, é mediar os conhecimentos de acordo com a realidade de cada estudante, mostrando as demais realidades existentes. Calligaris (2000) sinaliza que é papel do educador, também, integrar as realidades desses estudantes para que as diferentes formas de linguagem utilizadas por eles em sala de aula tragam sentido ao que é mostrado e, assim, o conteúdo possa ser aprendido de forma satisfatória. Fazer do jovem protagonista do conhecimento que recebe e começar a se sentir dono de algum poder, desenvolvendo traços de sua identidade auxilia em sua formação como humano e é uma maneira de dar a ele um lugar como pessoa, visto que,

O adolescente se olha no espelho e se acha diferente. Constata facilmente que perdeu aquela graça infantil que, em nossa cultura, parece garantir o amor incondicional dos adultos, sua proteção e solicitude imediatas. Essa segurança perdida deveria ser compensada por um novo olhar dos mesmos adultos, que reconhecesse a imagem púbera como sendo a figura de outro adulto, seu par iminente. Ora, esse olhar falha: o adolescente perde (ou, para crescer, renuncia) a segurança do amor que era garantido à criança" sem ganhar em troca outra forma de reconhecimento que lhe pareceria, nessa altura, devido. (Calligaris, 2000, p. 16)

Segundo o autor, o adolescente como que fica invisível em um mundo em que era amado por somente existir. Agora que o jovem possui toda a instrução para realizar tudo o que um adulto faz, é impedido por ainda não estar “pronto”, já que, “apesar da maturação dos corpos, a autonomia reverenciada, idealizada por todos como valor supremo, é reprimida, deixada para mais tarde” (Calligaris, 2000, p.17). Essa é uma dicotomia da família e perpetuada pela escola, que fica difícil mensurar seus saldos nefastos.

É isso o que podemos identificar em sala de aula: jovens pessoas que desejam trabalhar, se casar, se relacionar com demais pessoas na sociedade e que, devido ao que lhes é imposto como adolescência, por todo um sistema que precisa desse estágio para se alimentar, acabam se cansando de todo o processo ainda no começo do caminho (Santos, 2016). São indivíduos que deixam suas casas diariamente, deixam os entes queridos para buscar um conhecimento que por vezes nem lhe é explicado

a serventia em sua vida e em seu desenvolvimento. Essa autonomia que o jovem possui com seus 15 ou 16 anos, já seria suficiente para viver seus sonhos em sociedade, no entanto, é necessário esperar. E somos nós, professores, que estamos à frente desse processo de espera, ensinando conteúdos e mediando mudanças que nem sempre os responsáveis legais por esses corpos conseguem mediar. Tanto que, quando o jovem se vê,

Parado na frente do espelho, caçando as espinhas, medindo as novas formas de seu corpo, desejando e ojerizando seus novos pêlos ou seios, o adolescente vive a falta do olhar apaixonado que ele merecia quando criança e a falta de palavras que o admitam como par na sociedade dos adultos. (Calligaris, 2000, p.25)

A partir disso é que se iniciam as ditas “crises de identidade”, já que identidade e diferença estão intimamente ligadas (Hall 2006); o jovem é diferente dos adultos por não ter autorização para fazer o que fazem, pois seus corpos já são semelhantes, mas não se identifica com a criança a qual a forma que lhe tratam é próxima. Tal maneira de controlar os comportamentos, generaliza então, uma fase do desenvolvimento, o que acaba por prejudicar a formação individual do ser. Assim,

O contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou das massas, que à primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto. É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais eles buscam encontrar satisfação para seus impulsos instintuais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. (Freud, 1921, p. 91)

Portanto, segundo Freud (1921), analisar o ser humano de forma isolada não se torna viável já que é o indivíduo que compõe o coletivo e este determina certas identidades do indivíduo. E não é essa a intenção, mas sim compreender que, mesmo como ser coletivo, os jovens de educação básica têm anseios, medos, tristezas que para eles não podem ser tratadas de maneira generalizada. Nisso,

Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social. (Freud, 1921, p. 91)

O autor coloca então a ligação social e individual indissociável. O que o jovem demonstra está diretamente associado ao que tem contato em sua convivência. Isso remete aos ocorridos que se observa em sala de aula e na sociedade no geral. As atitudes, a maneira como lidam com os demais indivíduos, todas as escolhas das pessoas são uma reação a determinado acontecimento, além disso, a forma como reagem são reflexo da convivência familiar, da identidade que foi contruída nele, mesmo que suscetível a todo tempo, a novos redirecionamentos, por ser volátil como Hall (2005) assinala.

De acordo com isso, entende-se a singularidade de cada aluno em suas vivências familiares e desafios nos grupos escolares, diferente do que se é muitas vezes para os adultos uma coisa normal do

dia a dia lidar com o sair de seu lar, ir a um local exercer sua função. Tantas diferenças entre os estudantes geram formas distintas de olhar para a obtenção de aprendizado de cada um e como lidar com isso. As dificuldades encontradas para identificar o modo de lidar com cada aluno, se deve ao fato de que as identidades são influenciadas por cada momento vivido, estando em constante modificação, sendo a mesma pessoa, diferente quando inicia uma interação com outro indivíduo e quando essa interação finaliza.

Dessa maneira, a forma de enxergar a aula depende da vivência que aquele aluno traz consigo, sua maneira de lidar com a realidade distinta dos demais colegas e se adaptar as mudanças que as relações provocam em seu próprio ser, resultado da interação com outros. Há também uma forte influência entre os componentes dos grupos que se segregam em bandos, definida de “só faço se fulano fizer”. Isso afeta a interação com as aulas práticas, pois a insegurança do jovem e do adolescente o leva a fazer aquilo que alguém está fazendo para não “passar vergonha”.

As aulas de ciências e biologia, mediante essas demandas, podem e ganham uma nova atenção. O jovem que se sente inseguro até mesmo para buscar na internet informações sobre as mudanças que ocorrem em seu próprio corpo, agora na sala de aula, mesmo com a vergonha que as aulas de anatomia humana provocam, pode entender o que está se passando com o seu próprio corpo (Santos, 2016). Adolescência e escola estão intimamente ligadas, pois um e outro foram criados para o mesmo fim: controle (Foucault, 2007). Isso pode ser visto como mostra a autora sobre o contexto,

O futuro dos filhos da classe média emergente na Europa industrial não dependia apenas da família, mas também da escola, pois somente a educação poderia proporcionar-lhes posições sociais confortáveis. Assim, família e escola, com o auxílio da medicina higienista e das práticas da ‘ortopedia educacional’, representaram a possibilidade de delinear o modelo do ‘adulto ideal’: caucasiano, do sexo masculino, heterossexual, reprodutivo, livre de doenças e anomalias, e proprietário (César, 1998, p. 19).

Atualmente, a escola e a educação são vistas da mesma maneira: um meio para que os indivíduos se tornem aquilo que é considerado o correto por uma minoria: seres livres de “anomalias”, sejam elas na saúde ou no comportamento social (Foucault, 2002). E o professor é o intermediador responsável por esse futuro adulto. No cotidiano da vida escolar, é comum ver cada um dos estudantes e demais pessoas desse convívio, sejam os integrantes do corpo docente ou demais integrantes desse espaço e até mesmo os responsáveis legais de um jovem. Sujeitos que foram e são moldados pelos ideais de que formação acadêmica é sinônimo de sucesso, que estudar é o único caminho. São poucos os familiares que se interessam a fundo e realmente pelo desenvolvimento social saudável desses indivíduos tratados como incompletos, [in]compreendidos na fase popularmente chamada de adolescência e de crise em que os processos educativos podem ter sérias contribuições para essas crises (Santos, 2016). É notório que das maiores preocupações dos jovens, mesmo que inconsciente, é ser

aceito. Tanto que,

As influências seguintes mais importantes são: uma comunicação fácil com o pai, uma auto-imagem positiva e a facilidade em fazer amigos. Estes resultados apoiam a ideia de que factores relacionados com a escola, com a família, com o grupo social e com eles próprios, têm uma influência relevante na percepção de bem-estar por parte dos adolescentes. (Matos & Carvalhosa, 2001, p. 43)

Assim, entende-se que o bom relacionamento pessoal com cada setor de convívio, não só é importante como também determinante na formação do indivíduo. Todos os fatores de aceitação e boa convivência são relevantes em tal fase de mudanças corporais, pois é a fase de consolidação de identidades que seguirão na vida do ser por toda sua existência, embora a identidade seja algo que está em constante formação, como Hall (2005) aponta.

O ser, então, absorve aquilo que está ao seu redor para construir sua identidade, seu modo de ser e a maneira como vê o mundo externo e interior. Ressaltamos aqui a importância de o professor de ciências compreender seu papel de intermediador quanto a maneira que o jovem é tocado pelas relações com as diferentes formas de vida e de viver. Considerar uma construção histórica que molda toda uma sociedade global como uma mentira é um caminho peculiar, porém necessário para compreender como diversos setores são afetados; sendo a adolescência tal construção observada, alguns dos setores afetados são família, educação, empregos, laços sociais, tal qual discorre Santos (2016).

Ao olhar a adolescência como algo que vai além das mudanças física e comportamentais (Herculano-Houzel, 2005) fica mais fácil lidar com tal “fase” e auxiliar os jovens nos entendimentos necessários para que o processo de moldar e garantir que não fracassem, como é esperado pelos pais, seja também um tempo de autoconhecimento e aproveitamento das oportunidades oferecidas.

### **Considerações Finais**

Ao analisar as vivências de cada indivíduo no decorrer desses anos em que passamos na escola em busca de conhecimento, seja na escola ou na universidade, inseridos ou não em um grupo, percebemos que depois das relações que vivemos dentro da casa onde residimos com familiares, as que nos atingem de forma mais significativa são as que ocorrem no meio acadêmico, seja por influência dos mestres, seja dos colegas, seguidas pelo que a escola faz conosco, pelos anos nela, pela persistência de um complexo processo de enquadramento.

Outra questão que julgamos muito importante nessas palavras finais vem de observarmos que a opinião de um professor tem peso sobre nossas decisões e que a maneira como ele define a forma de avaliar os alunos, influencia na maneira de o estudante absorver o conteúdo. Levando em conta a singularidade de cada ser, um método será de maior utilidade para absorção do conteúdo para

determinado aluno do que para outros.

Há um ponto que vale a pena mencionar no que diz respeito ao relacionamento pessoal com alunos para quem lecionamos e os professores da universidade em que realizamos a graduação, somadas as demais áreas de vida pessoal. Falamos aqui do exercício da empatia. Pensamos, quando elaboramos uma aula, se “eu gostaria de aprender dessa maneira? Me daria prazer em participar desse formato de aula?”, “meu comportamento na aula atrapalha o professor em sua explicação? Debater com os colegas sobre o tema durante a aula pode ser inconveniente?”, conforme mencionamos, é um exercício, então podemos falhar e depois tentar outra vez e o aluno é um grande professor a nós. Esse movimento de se colocar no lugar do estudante, auxilia no aprimoramento de nossa atuação docente.

Nesse sentido, acreditamos de forma muito pessoal que o segredo que ninguém quer desvendar para uma educação melhor, é ser mais humano, tratar o estudante como uma pessoa em busca de conhecimento e não um ser ignorante, sem conteúdo, sem sentimentos e de presença irrelevante como já presenciamos colegas sendo tratados na escola ou já fomos tratados na universidade. Logo, há um erro ao pensar que se aproximar humanamente dos discentes pode gerar problemas. De acordo com diferentes experiências, aquele aluno que acolhemos quando nos procura para desabafar sobre seus problemas pessoais, demonstra respeito superior, se comparado a antes de buscar auxílio. Existe também uma fala que repercute entre o meio acadêmico que é a seguinte “eu sou professor, não sou terapeuta” e ela não é falsa. O que não pode continuar sendo verdade é o fechamento ao lado humano da outra pessoa com quem se está relacionando, ignorando-a como um ser biológico, social, sensível e cultural como nós professores somos. Não há muita diferença.

Daí fazemos algumas indagações: É utópico pensar em uma educação que analise o perfil pessoal de cada aluno para oferecer o melhor ensino? Sim. Os recursos não são suficientes. Logo, como seria maravilhoso se na educação todo estudante tivesse seu perfil demarcado. Professores teriam mais segurança ao elaborar atividades e o próprio aluno teria maior facilidade no aprender. Mas o que é possível é cada educador ter em sua consciência como docente, por meio de um exercício diário, contínuo e sem fim, se enxergar realmente uma parte fundamental das influências que fazem parte da formação dos alunos que passam em suas classes.

Seria um exercício de colocar em seus planos de aula sua subjetividade, tomando o cuidado para que isso não prejudique, mas auxilie na modelagem daquele jovem que está meio perdido nessa fase conturbada de emoções e hormônios, sentado em um lugar delimitado por alguém, obedecendo ordens desse mesmo alguém que por vezes pode se esforçar mais para dar um bom dia aos seus pupilos e se mostrar mais humano.

Uma consideração a se fazer é que a invenção da adolescência por intermédio do discurso psicopedagógico foi o que permitiu o surgimento de figuras que demarcavam a ação e aplicação dos

dispositivos educacionais. Nisso, avaliamos a tida “delinquência juvenil” e a “sexualidade adolescente”, colocadas como imagens de perigo que, para especialistas, é fase perigosa a todo tempo envolta por perigos que a espreitam, servindo de base para pesquisas em diversas áreas. Pode estar se tornando, mas na intimidade da sala de aula ela o é? Minha vivência diz que não.

Nesse mesmo sentido, pensar a adolescência em um padrão é algo indevido porque o outro é visto sendo o diferente e será, então, inferiorizado direta e indiretamente. Embora isso ainda seja o difundido na sociedade que se empenha em produzir padrões que não se encaixam em todas as realidades presentes, torna-se importante avaliar que as identidades culturais se modificam quando entram em contato com novas realidades. As identidades na adolescência também são influenciadas e, muito mais, influenciadoras e precisam ser consideradas parte de uma subjetividade.

O trabalho intenta discutir possibilidades de atuar em sala de aula utilizando as possibilidades da docência para incrementar a atuação e melhorar o convívio em sala de aula e demais espaços escolares. Usar o que é vivido para transformar uma realidade problemática em um meio de infinitas possibilidades de solução.

Conclusivamente, arrazoamos que há nas discussões acadêmicas uma preocupação com as culturas que existem no mundo, devido a estarmos vivendo em um período que anseia por reconhecimento dos direitos referentes a tal questão. Tais culturas repletas de diferenças, como as vistas nos grupos encontrados na sociedade, são encontradas segregando as crianças dos adultos, os idosos dos adultos e os jovens de todos eles. Seria, pois, uma segregação por maturações biológicas ou por dificuldades de compreensão? O intuito é demonstrar a possível relação, embasada no reconhecimento e convívio com as diferenças, que podem existir entre os diversos grupos, de forma não subalternizadora, salientando a vasta quantidade de identidades num mundo cada vez mais multi.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. Cadernos de pesquisa, p. 51-64, 2001. Tradução . . Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0100-15742001000200003>. Acesso em: 20 dez. 2024.
- BAUMAN, Z. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CALLIGARIS, C. A adolescência I Contardo Calligaris . -São Paulo : Publifolha, 2000.- (Folha explica)
- CÉSAR, M. R. A. A invenção da “adolescência” no discurso psicopedagógico . Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação – UNICAMP, Campinas: 1998.
- COONEL, R. Políticas da Masculinidade. Educação & Realidade. Porto Alegre. V.20, n. 2, jul./dez., 1995.
- DA SILVA, T.T et al. A produção social da identidade e da diferença. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2000.
- DEVELAY, M. De l'apprentissage à l'enseignement. Paris, ESF, 1992
- FARIAS, L.; MONTEIRO, T. Intercom -Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIX Prêmio Expocom 2012 -Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação A **IDENTIDADE ADQUIRIDA NAS REDES SOCIAIS ATRAVÉS DO CONCEITO DE PERSONA**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/r32-1497-1.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- FERNANDES, C. A. Discurso e sujeito em Michel Foucault. São Paulo: Intermeios, 2012.
- FISCHER, R. M. B. Por uma Escuta da Arte: ensaio sobre poéticas possíveis na pesquisa Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 11, n. 1, e100045, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-266010004>.
- FOUCAULT, M. A ordem do discurso. Ed. São Paulo: Loyola. 2011
- FOUCAULT, M. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal. 2007.
- FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 89-179, v. XVIII.
- GESELL, A. O jovem dos 10 aos 16 anos. Lisboa: Dom Quixote. 1978.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. TupyKurumin, 2006.
- HERCULANO-HOUZEL, S. O cérebro em transformação. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- MATOS, M.G.; CARVALHOSA, S.F. A saúde dos adolescentes: ambiente escolar e bem estar. Psic., Saúde & Doenças, Lisboa, v. 2, n. 2, p. 43-53, nov. 2001 millot
- MARX, K. e Engels, F. "The Communist Manifesto". Ln Revolutions of 1848. Harmondsworth: Penguin Books, 1973.

MILLOT, C. Educação e desenvolvimento: a sexualidade infantil, a crítica freudiana da educação. Freud Anti-Pedagogo. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

Oxford Languages | The Home of Language Data

RENAN, E. "What is a nation?". In Bhabha, H. (org.) Narrating the Nation. Londres: Routledge, 1990.

SANTOS, B. de S.. Pela Mão de Alice: O social e o político na pós modernidade. São Paulo: Cortez, 2013.

SANTOS, W. B. Adolescência heteronormativa masculina: entre a construção obrigatória e a desconstrução necessária. São Paulo: Editora Intermeios. 2016.

SANTOS, W. B.; SANT'ANNA, T. F.; DIAS, W. F.; FALEIRO, W. O masculino e o feminino na escola: as contradições da norma e da forma discursivamente impostas. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018.

SILVA, T.T. Desconstruindo o construtivismo pedagógico. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 3-10, jul./dez. 1993.

SILVA, T. T. da (org). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.